

CONCEPÇÕES ACERCA DO CONCEITO DE TRANSFERÊNCIA NA CLÍNICA PSICANALÍTICA

MACHADO, Alexia Cristine ¹.
GRADISKI, Eliane Aparecida Favarim ².

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo abordar sobre o conceito de transferência para a psicanálise, conceito este que é considerado um dos quatro conceitos fundamentais para o método e a prática clínica sob o viés psicanalítico, e visa explorar sobre como esse conceito é compreendido dentro da teoria psicanalítica e como ele relaciona-se a prática clínica, no denominado processo de análise. Desse modo, esse estudo foi construído a partir de uma pesquisa bibliográfica, respaldada a partir dos textos de Sigmund Freud e outros autores que vieram a discorrer sobre o conceito seguindo a linha freudiana.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise, Transferência, Psicologia, Clínica.

1. INTRODUÇÃO

O método e a clínica psicanalítica são embasados a partir de quatro conceitos fundamentais, que são eles: inconsciente, pulsão, repetição e transferência (TEIXEIRA; CODATO, 2022). Diante disso, o presente estudo busca explorar o conceito de “transferência” para a Psicanálise e como este se apresenta na prática clínica, no denominado processo analítico, de acordo com os textos de Freud e autores que contribuíram com a construção de novos textos relacionados aos escritos do autor.

Em um primeiro momento, cabe observar que o conceito de transferência não é exclusivo da psicanálise, a ele são atribuídos diversos significados, em suma, o termo “transferência” relaciona-se à ideia de transporte e deslocamento. Segundo Laplanche e Pontalis (2001), a partir das elaborações teóricas de Freud, o termo transferência para a Psicanálise está ligado à ideia de um deslocamento de afeto do analisando para figuras externas a ele, como por exemplo o analista. Logo, o presente estudo busca explorar o termo transferência a partir dessa concepção.

Freud (1915/2017) aponta que, na prática clínica, é no manejo da transferência que o analista poderá encontrar maiores dificuldades, ao dispor que para o método analítico não há necessariamente um manual a ser seguido e que muito menos questões morais possam vir a fazer algum tipo de

¹ Acadêmica do curso de graduação em Psicologia, Centro Universitário Assis Gurgacz, 10º período. E-mail: acmachado1@minha.fag.edu.br

² Psicóloga, Orientadora, Docente no Curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: elianegradiski@fag.edu.br

inferência no andamento do processo de análise. Para a Psicanálise, os fenômenos da transferência devem ser reconhecidos, mas não devem ser correspondidos e muito menos reprimidos. Assim, a transferência é reconhecida como parte do processo de análise e o seu manejo é que abrirá para o analisando, a possibilidade de avanço em seu percurso analítico.

No texto “O início do tratamento” (1913/2017), Freud aponta o inestimável valor da transferência no processo analítico, afirmando que é no estabelecimento da transferência que o percurso de uma análise pode ser iniciado e acontecer. No entanto, o autor observa ainda que o conceito de transferência é amplo e aponta-o como um tema difícil de se esgotar (FREUD, 1912/2017). Desse modo, o foco sobre o conceito de transferência no presente trabalho surgiu da necessidade de um aprofundamento teórico, visto que esse assume relevante papel na prática clínica psicanalítica.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O CONCEITO DE TRANSFERÊNCIA NA PSICANÁLISE

A prática clínica em psicanálise, é embasada por quatro conceitos fundamentais, são eles: inconsciente, pulsão, repetição e transferência. De acordo com Teixeira e Codato (2022), são estes os conceitos que sustentam o método e a prática clínica psicanalítica. No processo analítico, esses conceitos tomam forma e espaço, mas para que este possa vir a acontecer, a transferência torna-se parte essencial desse processo na relação entre analista e analisando. Assim, cabe indagar: o que seria a transferência para a psicanálise?

O termo “transferência” não advém da psicanálise e nem pertence exclusivamente à mesma. Laplanche e Pontalis (2001, p. 514) afirmam que o termo “[...] Possui, de fato, um sentido muito geral, próximo do de transporte, mas implica um deslocamento de valores, de direitos, de entidades, mais do que um deslocamento material de objetos [...]”. Nesse sentido, o conceito de transferência na psicanálise relaciona-se a uma ideia de deslocamento de questões inconscientes, onde a pessoa desloca algo da ordem deste para figuras externas a ela. No contexto analítico, esse deslocamento acontece do analisando para a figura do analista, dessa forma a transferência apresenta-se como parte constitutiva do processo psicanalítico (ROUDINESCO; PLON, 1998).

No texto “Sobre a dinâmica da Transferência” de 1912 (2017), Freud escreve que todas as pessoas tendem a adquirir uma determinada forma de relacionar-se amorosamente, essa determinação

é resultado da combinação de fatores inatos e vivências pessoais ocorridas ao decorrer da infância, e é a partir delas que a pessoa passa a estabelecer condições para as quais seus investimentos libidinais se endereçam, dessa forma ao longo da vida, todos os encontros amorosos ou dessa ordem, tendem a seguir e a repetir essas condições, a esse movimento psíquico atribui-se o nome de transferência, sendo eles resultado do desenvolvimento psíquico, onde parte fica disponível a um acesso consciente e outra parte fica retida no inconsciente, podendo emergir através da fantasia.

Assim, a transferência não é tida como única e exclusiva sob o contexto analítico, sendo um fenômeno que se apresenta não somente na relação entre analisando e analista, mas também em diversas outras, como por exemplo, na relação entre aluno e professor, paciente e médico. Portanto, a transferência pode ser reconhecida a partir desse endereçamento libidinal para a figura na qual se depositam afetos, sejam eles positivos ou negativos, como confiança e admiração, ou aversão e repulsa, desse modo tem-se a transferência positiva e negativa (TEIXEIRA; CODATO, 2022).

Logo, a transferência pode apresentar-se como “positiva” quando há o deslocamento de sentimentos amorosos, simpáticos, carinhosos e até mesmo eróticos, capazes de ocorrer pela via da consciência ou pela via do inconsciente, já a transferência tida como “negativa” implica em um deslocamento de sentimentos hostis e agressivos, sendo necessário observar que a transferência negativa encontra-se sempre próxima à transferência positiva, isso pode resultar em uma ambivalência que se presentifica na transferência (FREUD, 1912/2017).

À vista disso, no processo analítico, a transferência se dá no endereçamento afetivo, seja ele positivo ou negativo, do analisando para a figura do analista e é no estabelecimento da transferência que o percurso analítico acontece, e é também a partir dela que as forças resistentes ao processo se manifestam, por essa razão o manejo da transferência torna-se fundamental (TEIXEIRA; CODATO, 2022). São os fenômenos expressos pela via da transferência, que os conteúdos restritos ao inconsciente podem emergir fornecendo material para a análise. Nessa dinâmica, a transferência torna-se fundamental para o processo analítico. Assim, Freud (1905/2016, p. 312) dispõe que “Quando nos aprofundamos na teoria da técnica analítica, percebemos que a transferência é algo necessário e inevitável”.

2.2 A TRANSFERÊNCIA NA CLÍNICA PSICANALÍTICA

Conforme o exposto, a transferência não está restrita apenas ao contexto clínico. No texto “Cinco lições de psicanálise”, Freud (1910/2013, p. 212) afirma que “A transferência ocorre

espontaneamente em todas as relações humanas, assim como entre o paciente e o médico [...]”. Portanto, o processo analítico não cria o fenômeno da transferência, mas o desvela e o coloca a serviço do processo em direção à meta do tratamento, ao trazê-la para a consciência. Desse modo, a transferência assume um papel fundamental na relação entre analisando e analista.

No contexto clínico, abre-se espaço para a transferência e a reconhece como parte do processo analítico. Diante do endereçamento afetivo agora direcionado para a figura do analista, o analisando encontra a possibilidade de acessar sua história, seus impulsos e fantasias inconscientes, retornando às vivências psíquicas de uma fase anterior e revivendo esses afetos na relação atual com o analista, as vivências despertadas podem vir a tornar-se conscientes na medida em que o processo analítico avança (FREUD, 1905/2016). Dessarte, Freud dispõe que é no manejo da transferência que um iniciante na prática da psicanálise encontrará dificuldades significativas (FREUD, 1915/2017).

Em um primeiro momento, pode-se pensar que a transferência acarreta em um aumento de trabalho da parte do analista, questão que foi levantada por Freud, pois este questionou-se sobre o aumento do trabalho diante dos fenômenos da transferência. No entanto, a posteriori, ele observa que o estabelecimento da transferência e seus fenômenos em meio ao processo de análise não resultariam em nenhum trabalho adicional significativo (FREUD, 1895/2016). Desse modo, Freud (1905/2016, p.313) dispõe que “O trabalho do médico não é aumentado pela transferência; pode muito bem ser irrelevante para ele que determinado impulso que tem de superar no doente seja relativo à sua pessoa ou a outra”. Logo, para o analisante, Freud também observa que a transferência que se dá no contexto analítico não é algo novo, assim “Nem o tratamento impõe ao doente, com a transferência, uma nova tarefa que ele não teria realizado sem ela” (FREUD, 1905/2016, p. 313).

No texto “Observações sobre o amor transferencial”, Freud (1915/2017) ao trazer como exemplo um caso onde uma paciente que se apaixona pelo médico, com o qual realiza análise, o autor aponta para o que seria “três únicas saídas possíveis” de acordo com um iniciante ou um leigo na prática analítica, a primeira delas seria quando ambos se autorizam a viver a relação de forma legítima e assumida, a segunda refere-se à desistência do tratamento, onde analista e analisando separam-se, e a terceira diz respeito a quando ambos decidem viver a relação de forma oculta, ilegítima e breve, nessa última opção seria possível dar continuidade ao processo. Nesse ponto, aparentemente o processo analítico entra em risco, isso porque a analisante pode passar a não direcionar mais interesse para a análise, mas sim a sua paixão, o amor, para a figura do analista. Diante disso, Freud aponta que o analista que vivencia tal transferência, em um primeiro momento, poderá encontrar dificuldade em manter a relação analítica.

Cabe destacar também, a importância de que o analista esteja ciente de que o amor transferencial apresentado pela analisante não pode ser atribuído como fruto de uma conquista dele, dando crédito à sua própria pessoa, conforme seria feito em outras relações, mas no contexto analítico essa expressão da transferência pode surgir a serviço da resistência. Assim, a princípio, constatar o surgimento de uma transferência amorosa dessa ordem pode lançar a questão de que não há como dar continuidade ao processo analítico, e conforme o exemplo acima citado, a própria paixão da analisante para o analista não poderá trazer nada de produtivo para a análise. Porém, Freud ressalta a necessidade de lembrar-se de que no processo analítico tudo que ameaça a continuidade do mesmo pode estar servindo ao propósito da resistência (FREUD, 1915/2017).

À vista do exposto, cabe ao analista seguir um caminho contrário ao que um leigo pensaria ser possível, pois tais caminhos são pensados a partir de lógicas externas ao processo analítico e que para este não servem, tanto corresponder quanto negar os investimentos amorosos acarretaria em um prejuízo para o processo de análise. Logo, não cabe ao analista desviar, afugentar ou estragar a demanda de amor da paciente, mas também não deve-se de modo algum correspondê-la, ao analista cabe sustentar um lugar de imunidade com relação ao que lhe é apresentado, nas palavras de Freud “Quanto mais dermos a impressão de estarmos, nós mesmos, imunes a toda tentação, mais facilmente poderemos extrair da situação o seu teor analítico”(FREUD, 1915/2017, p. 162). Assim, busca-se manter a transferência amorosa a serviço do processo analítico, tratando-a como algo que não é real. Desse modo, coloca-se a demanda de amor como algo que precisa ser trabalhado e enfrentado no processo de análise, onde a partir disso seja possível retornar para suas origens inconscientes, para então trazer à consciência os elementos ocultos desse registro e tratá-los (FREUD, 1915/2017).

Dessarte, Freud (1905/2016, p.314) discorre que no processo de análise “[...] todos os impulsos, também os hostis, são despertados, são utilizados para a análise ao serem tornados conscientes, e nisso a transferência sempre volta a ser destruída”. Assim, a transferência, que surge como resistência ao processo de análise, pode vir a tornar-se a via pela qual se acessa o inconsciente do analisando, tornando-se um poderoso aliado do processo analítico. Desse modo, a transferência, quando percebida pelo analista, pode vir a assumir sua função a serviço do processo de análise, cabendo ao analista traduzi-la para o analisando (FREUD, 1905/2016). Diante disso, constata-se que o manejo da transferência pode vir a apresentar-se como um verdadeiro desafio para o analista, mas é também a partir das manifestações expressas pela via da transferência que o inconsciente encontra passagem, propiciando assim material para a análise (FREUD, 1912/2017).

3. METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como um estudo de natureza básica e foi desenvolvido com base em uma pesquisa bibliográfica direcionada ao tema do mesmo. Assim, segundo Prodanov e Freitas (2013), pesquisas bibliográficas são elaboradas com base em materiais que já foram publicados, como livros, artigos científicos, monografias, entre outros, e que relacionam-se ao tema da pesquisa.

Desse modo, delimitou-se como tema da pesquisa o conceito de transferência para a psicanálise de acordo com as obras de Sigmund Freud e como a mesma apresenta-se na prática clínica, no denominado processo de análise. Para tanto, o estudo apresentado tem como base essencial em sua construção os textos de Freud relacionados ao tema, datados entre o período 1895 a 1915, e conta também com os escritos de outros autores que vieram a contribuir com os estudos relacionados ao fenômeno da transferência.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Em um primeiro momento, de acordo com o que Laplanche e Pontalis (2001) propõem, a transferência não é um fenômeno que está restrito ao campo da psicanálise, ao termo são atribuídos diversos significados, mas, para a psicanálise o mesmo relaciona-se a uma ideia de deslocamento e transferência de afetos. Assim, cabe observar que de acordo com Freud (1910/2013), a transferência se faz presente em todas as relações humanas e ocorre espontaneamente. Diante disso, é possível afirmar que o processo analítico não é responsável por criar a transferência, mas nesse contexto tal fenômeno natural do ser humano é reconhecido e assume relevante papel.

Dessarte, constatou-se que o conceito de transferência retém em seu sentido concepções diversas, mas para a Psicanálise, a partir dos estudos teóricos desenvolvidos por Freud e outros autores, a transferência assume um caráter singular e de significativo valor, visto que é a partir da transferência do analisando para a figura do analista, que o percurso de uma análise acontece, conforme o disposto por Teixeira e Codato (2022). Logo, diante da pesquisa bibliográfica em que esse estudo se respalda, foi possível observar que para a Psicanálise o conceito de transferência pode abarcar papéis distintos e que, ao mesmo tempo, se entrelaçam no processo analítico.

Logo, no início do processo analítico, a transferência surge como algo essencial, visto que é a partir de seu estabelecimento que o mesmo pode iniciar-se, servindo a um papel de vínculo entre

analista e analisando, conforme propõe Freud (1913/2017). Na sequência, ao longo do processo de análise, observa-se que as manifestações da transferência podem ser variadas e direcionadas para a figura do analista, que podem ir desde um endereçamento afetuoso positivo quanto negativo. Sendo assim, a partir da percepção do analista, torna-se possível tomar nota de que tais manifestações estão a serviço da resistência.

Desse modo, no texto “Sobre a Dinâmica da Transferência” (1912/2017), Freud elabora sobre a importância de distinguir a transferência “positiva” da transferência “negativa”, bem como compreender o seu papel enquanto resistência ao tratamento, ao dispor que é no manejo da transferência, que esta pode tornar-se uma valiosa aliada para o processo analítico, mesmo enquanto resistência. Assim, a transferência assume seu papel no processo de análise, na medida em que suas manifestações podem estar também expressando algo da ordem do inconsciente do analisando, trazendo conteúdo que podem vir a ser trabalhados no processo de análise, quando percebidos pelo analista e traduzidos para o analisando, segundo o que Freud propõe em seus escritos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou, a partir de uma pesquisa bibliográfica seguindo a linha psicanalítica freudiana, explorar o conceito de transferência de acordo com os textos de Freud e outros autores que contribuíram com estudos relacionados ao tema. Assim, foi possível constatar que a transferência não se apresenta exclusivamente no contexto analítico, no entanto, nesse contexto, ela assume um relevante papel.

Ao decorrer desta pesquisa, verificou-se que há singularidades atreladas à transferência, que no contexto psicanalítico são manifestas de variadas formas. À vista disso, distingue-se que no processo de análise, em um primeiro momento, a transferência surge como fundamental para que um vínculo entre analisando e analista se estabeleça, na sequência, suas manifestações em forma de transferência positiva ou negativa emergem em função de uma resistência ao processo e, a posteriori, se manejada pelo analista, ela pode apresentar-se como o mais valioso recurso para o andamento da análise, pois esta passa a servir como uma via de acesso ao inconsciente do analisando.

Diante disso, por meio do referencial teórico construído, constatou-se que é no manejo da transferência que o analista pode vir a encontrar dificuldades, visto que essa emerge no processo analítico como resistência, colocando em jogo a continuidade da análise. Sendo assim, o manejo da transferência só poderá ser possível a partir da postura do analista, que diante dela deve sustentar seu

lugar, não cedendo aos artifícios da transferência enquanto resistência, e somente assim a transferência que outrora serviu ao papel de resistência pode então tornar-se aliada no processo analítico, quando reconhecida pelo analista e traduzida para o analisando, colocando-a a serviço da análise.

Em vista do exposto, a partir do respaldo teórico que este estudo buscou construir, foi possível observar que o conceito de transferência na psicanálise assume um papel singular e valioso, para o método e a prática clínica psicanalítica, e discorrer sobre este conceito e suas manifestações no contexto clínico, pode ser um verdadeiro desafio, visto que há uma complexidade inerente a ele. Desse modo, torna-se imprescindível apontar que o material aqui disposto tem limitações e pode ser melhor explorado a partir de outros referenciais teóricos. Cabe observar ainda que considera-se relevante compreender também que aqueles que desejam trilhar o percurso enquanto analista, ao longo do mesmo, devem também sustentar seus estudos teóricos.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud: Obras completas, volume 9**: Observações sobre um caso de neurose obsessiva ("O homem dos ratos"), uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci e outros textos (1909-1910). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud: Obras completas, volume 6**: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("o caso dora") e outros textos (1901-1905). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud: Obras completas, volume 2**: Estudos sobre a histeria (1893-1895), em coautoria com Josef Breuer. Tradução: Laura Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. Cap: Sobre a dinâmica da transferência (1912); Cap: Observações sobre o amor transferencial (1915[1914]). In: **Fundamentos da Clínica Psicanalítica: obras incompletas de Sigmund Freud**. Tradução: Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. 4. ed. Tradução: Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.



ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. Dicionário de Psicanálise. Tradução: Vera Ribeiro; Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

TEIXEIRA, Marcus do Rio; CODATO, Valéria. **Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise comentados**: inconsciente, pulsão, transferência e repetição. Salvador: Agalma Psicanálise, 2022.